

A CONDENAÇÃO DO USO DA CANNABIS COMO UMA QUESTÃO DE PRECONCEITO RACIAL SECULAR NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Camila Costa Lamberti, discente de graduação do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento
Natália Novacoski Silva, discente de graduação do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento
Giovana de Aquino Camello, discente de graduação do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento
Laura de Lima Cadaval, discente de graduação do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento
Ana Elíria Bonafé de Moura, discente de graduação do curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento
Rafael Balardin, coordenador do Grupo de Relações Internacionais, Sociedade e Cultura (GRISCU), Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento

camilalamberti.aluno@unipampa.edu.br

A guerra contra a legalização da maconha que atualmente acomete as várias regiões do globo, inclusive o Brasil, é pautada não em uma guerra contra às drogas, mas sim em uma guerra contra as minorias - negros, pobres e imigrantes. Devido a uma série de razões ideológicas, políticas-econômicas, mas principalmente raciais, a Cannabis e seus usuários foram não só criminalizados como também condenados na sociedade atual, ocasionando uma crescente marginalização e o uso da violência para com esses grupos. Traçando um panorama geral, a maconha sempre se fez presente nas mais diversas regiões: seu uso recreativo e medicinal foi introduzido na branquitude pelos negros africanos durante a época de colonização e escravidão. Após a abolição internacional da escravidão, a herança do racismo derivada desse período permaneceu na sociedade, assim como a perseguição das culturas e costumes dessa parcela da população. A Cannabis não saiu ileso dessa caçada e se tornou o disfarce perfeito para justificar o preconceito nesse meio. Sua popularização em meio aos grupos de jazz nos Estados Unidos durante o século XX, fez com que muitas fake news passassem a circular, veiculadas principalmente pelo governo, onde o uso da maconha foi associado à prática de crimes como estupros e assassinatos, sem nenhuma comprovação científica. Nos governos de Richard Nixon e Ronald Reagan, uma política de guerra às drogas foi imposta e influenciou o mundo inteiro a adotar a mesma postura, somado às conferências internacionais realizadas, como a Conferência Internacional do Ópio em 1924, a comunidade internacional passou a aderir uma visão conservadora sobre o uso e comercialização da planta. Além disso, as indústrias de algodão e de petróleo, receosas de um produto concorrente que dominasse o mercado, já que a fibra de cânhamo tem diversas aplicações e um elevado potencial, se tornaram as principais financiadoras da criminalização da maconha. Em relação à legitimação das causas, a partir do movimento hippie em 1970, com a crescente aderência dessa cultura

pela comunidade branca, as movimentações pela descriminalização da Cannabis passaram a se tornar mais “legítimas”, além do progresso nos estudos científicos acerca dos benefícios medicinais da planta no combate às diversas doenças e também nos estudos econômicos que avaliam a lucratividade e a geração de renda que a comercialização da maconha traria à economia. Desse modo, o presente trabalho busca investigar os motivos da maconha ser condenada na sociedade atual e como essa condenação da planta tem ligação direta com o preconceito racial por meio de uma análise do contexto histórico e movimentações internacionais ocorridas desde meados do século XVI, assim como traçar um panorama da conjuntura internacional atual. O método utilizado na pesquisa foi a abordagem qualitativa por meio de pesquisas bibliográficas e documentais em artigos científicos, notícias e documentários selecionados de acordo com sua pertinência na investigação. Portanto, os documentos analisados frequentemente indicam que o uso da cannabis não é um problema de saúde pública, pois não há relatos de overdose decorrentes de seu uso, além de ser atrelada a muitos benefícios medicinais, e que caso fosse, o álcool e o cigarro também deveriam ser criminalizados em decorrência de seus malefícios e dependência. Desse modo, se torna evidente que a guerra contra a maconha no início do século passado se configurou como um movimento movido pelo racismo, conservadorismo e preceitos capitalistas que ainda são muito presentes na sociedade. Na conjuntura internacional, identifica-se um relativo progresso, todavia muito lento, quanto à flexibilização de leis que adiram ao movimento da legalização da Cannabis em algumas localidades, visto que a própria ONU a desclassificou como uma droga perigosa, enquanto em outras, nota-se um crescente retrocesso nesse meio, com ideais conservadores que são pautados ora na religião e desinformação, ora no preconceito enraizado no corpo social.

Agradecimentos: Agradeço à UNIPAMPA e ao GRISCu pelo incentivo e fomento deste trabalho.

Palavras-chave: Condenação; Cannabis; Preconceito; Relações Internacionais.